

4º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNÁCULA POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

O VERNÁCULO E O ERUDITO NA PRIMITIVA ARQUITETURA JESUÍTICA CAPIXABA

LO VERNÁCULO Y LO ERUDITO EN LA ARQUITECTURA JESUÍTICA CAPIXABA

*THE VERNACULAR AND THE ERUDITE IN THE JESUIT ARCHITECTURE OF
ESPÍRITO SANTO*

EIXO TEMÁTICO: 01 - Arquitetura vernácula popular e as escalas local, Continental, Nacional, Regional.

RIBEIRO, Nelson Pôrto

Doutor em História; Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU – PROARQ.

nelson.ribeiro@fau.ufrj.br



UFF
Universidade
Federal
Fluminense



RESUMO

A arquitetura jesuítica na América portuguesa caracterizou-se por ser implantada num contexto de carência tanto de mão de obra qualificada quanto de materiais diversificados para construção e, sobretudo, decoração – por exemplo, a América portuguesa a essa época não tinha mármores. Além do mais, jesuítas foram grandes construtores e desbravadores, necessitando de construções com finalidades distintas que incorporavam tipos diferentes de estrutura e fábrica: o Colégio para a cabeça da Capitania que normalmente era uma edificação erudita; as Residências nas reduções junto aos índios; as Fazendas de gado e cana; e os hospícios nas aldeias de visitação, estes últimos muitas vezes uma simples habitação rústica apenas para pernoite. O estudo destas edificações na Capitania do Espírito Santo, no contexto das suas características vernáculas, é o propósito desta comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura vernácula; arquitetura jesuítica; América portuguesa; técnicas.

RESUMEN

La arquitectura jesuítica en la América portuguesa se caracterizó por implementarse en un contexto de falta tanto de mano de obra calificada como de materiales diversos para la construcción y, sobre todo, para la decoración – por ejemplo, la América portuguesa en esa época no contaba con el mármol. Además, los jesuitas fueron grandes constructores y pioneros, necesitando construcciones con diferentes finalidades que incorporaran diferentes tipos de estructura y fábrica: el Colegio de la capital de la Capitanía, que normalmente era un edificio eruditio; las Residencias en las reducciones con los indios; fincas ganaderas y cañeras; y albergues en los pueblos visitantes, estos últimos suelen ser una sencilla vivienda rústica sólo para pasar la noche. El estudio de estos edificios en la Capitanía de Espírito Santo, en el contexto de sus características vernáculas, es el objetivo de esta comunicación.

PALABRAS CLAVE: arquitectura vernácula; arquitectura jesuita; América portuguesa; técnicas.

ABSTRACT

Jesuit architecture in Portuguese America was characterized by being implemented in a context of lack of both qualified labor and diverse materials for construction and, above all, decoration – for example, Portuguese America at that time did not have any kind of marbles. Furthermore, Jesuits were great builders and trailblazers, needing constructions with different purposes that incorporated different types of structure and factory: the College for the head of the Captaincy, which was normally an erudite building; the Residences in the reductions with the Indians; cattle and sugarcane farms; and hospices in visiting villages, the latter often a simple rustic dwelling just for overnight stays. The study of these buildings in the Captaincy of Espírito Santo, in the context of their vernacular characteristics, is the purpose of this communication.

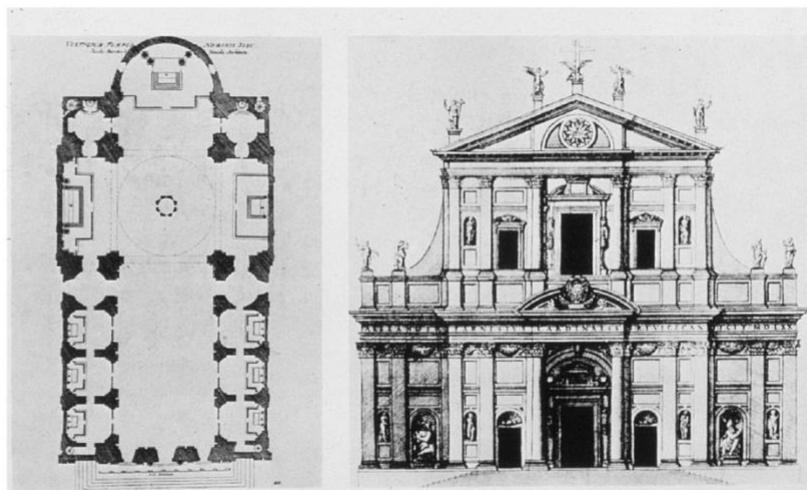
KEYWORDS: vernacular architecture; Jesuit architecture; Portuguese America; techniques.



INTRODUÇÃO

É sabido que a erudição sempre esteve presente na arquitetura jesuítica desde os primórdios da ordem, a igreja do Gesù em Roma (1568-80) de Vignola e della Porta é um primor da arquitetura romana “maneirista e barroca” (ARGAN. 2003. p.217).

Uma gravura de 1573 do primeiro projeto da fachada teve ampla difusão no mundo cultural europeu, inclusive no universo ibero incluindo suas colônias, e onde pode-se ver a influencia desta composição “fachadística” desde o oriente, onde um exemplo deste modelo é a igreja jesuítica da Madre de Deus em Macau, até o ocidente, com a magnífica igreja da Redução de São Miguel Arcanjo, atribuída à Giovanni Battista Primoli.



Gravura de 1573 fartamente distribuída no universo católico jesuítico.

Figura 1: Igreja del Gesu, projeto de Vignola - Roma. Fonte: Wikipedia commons.

Evidentemente nada estava mais longe deste primor erudito do que as primeiras construções jesuíticas da América portuguesa. Ainda que Francisco Dias, que segundo Paulo Santos, veio da metrópole porque na América urgentemente era necessário a presença de um arquiteto qualificado e que o mesmo tenha trabalhado em algumas construções paradigmáticas da Ordem



tais como o Colégio de Olinda e o Colégio do Rio de Janeiro (SANTOS. 1966. p.46) que, de alguma forma, têm traçados e composições que revelam erudição e conhecimento, a maior parte das primitivas construções, entretanto, eram vernáculas, em especial porque faltavam profissionais e mão de obra qualificada, tendo-se muitas vezes que se trabalhar com a prática do mutirão, onde a vila, como um todo, contribuía para as construções devido ao senso religioso comum que vigorava mas sobretudo devido ao papel humanista que jesuítas perpetravam no campo religioso, educacional e assistencial e que era largamente percebido e retribuído pela população local.

De uma forma geral é possível verificar que houve sempre uma fase primitiva em que as técnicas de construção utilizadas eram sobretudo as vernáculas, e depois, quando já do desenvolvimento da Vila ou Redução, quando do surgimento e organização dos primeiros ofícios, era possível então a construção erudita, seguindo as orientações de um projeto de profissional titulado, como Francisco Dias, que teria sido formado na fábrica de São Roque de Lisboa sob a supervisão de Afonso Alvares, ou, do italiano mencionado acima, Primoli, que se estabeleceu na América hispana e foi responsável por uma série de igrejas nas Reduções da Paraguaria mas também tendo deixado importantes obras em Buenos Aires e Córdoba (CUSTÓDIO. 2017).

AS CONSTRUÇÕES JESUÍTICAS NA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO – O COLÉGIO DE VITÓRIA.

Os jesuítas chegaram cedo às terras capixabas, desde 1551 o padre Afonso Brás e o irmão Simão Gonçalves, iniciando de imediato a catequese em Vitória trataram logo de construir uma habitação. Nas palavras do padre, que diz que fizeram a:

...construção de uma pobre casa, para nos poder recolher nela; já está coberta de palha e sem paredes. Trabalharei para que aqui se edifique uma ermida junto dela em um sítio muito bom, na qual possamos dizer missa, confessar, fazer a doutrina e outras coisas semelhantes. (Apud OLIVEIRA, 2011, p. 78 – original em espanhol tradução nossa)

Segundo Oliveira esta era a especialização do padre Afonso Brás, que deixou outras construções provisórias semelhantes no Rio de Janeiro e em São Paulo. Já o padre Tolosa, algum tempo depois, teria dito da mesma igreja:

“as paredes são de taipa, por não haver aqui pedreiros: os alicerces, todavia são de pedra e cal, que fizeram os Padres de casa como souberam. O capitão Belchior de Azeredo com



toda mais gente principal ajudaram com suas próprias mãos a trazer umas pedras grandes para os alicerces. Todos mandam os seus escravos para a obra. Outros mandam as coisas necessárias para nosso mantimento e da gente que trabalha. Uma pessoa nos tem dado três bois. E com andarem quase cinquenta pessoas nas obras, com a gente da casa, toda se sustenta de esmolas, que é para espantar em Capitania tão pequena, onde há mais gente pobre que rica" (Apud SANTOS. 1966. p.43).

Por esses relatos é evidente o caráter vernáculo das construções dos primeiros tempos em Vitória, não apenas porque não havia mão de obra especializada (pedreiros) mas sobretudo porque a edificação era feita com material local e em esquema de mutirão, que são práticas necessárias para a caracterização de uma arquitetura de caráter vernáculo. Assim como a participação e contribuição financeira da população evidenciava o status elevado da ordem jesuítica no mundo cultural português, onde os padres eram os responsáveis pela educação e pela assistência social da população, como também pela ordenação espiritual.

A igreja que chegou aos nossos dias, contudo, não foi a primitiva, pois é em pedra e cal. Teria sido construída entre 1666 a 1697 (cf. BAZIN, 1983, p.93). Ainda que essa igreja tenha sido descaracterizada em 1912 enquanto igreja e incorporada ao antigo Colégio, agora Palácio do Governo, as suas paredes mestras de sólida alvenaria de pedra continuam presente no prédio *ecletizado* dos dias atuais.

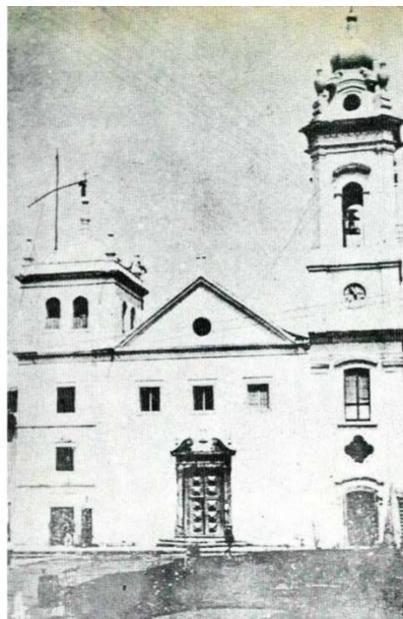


Figura 2: Igreja de São Maurício do Colégio de Vitória. Fonte: Coleção particular (s/d).



Pela qualidade do “sitio” observada pelo padre Brás, parece pouco provável que tenha havido mudança de local quando da construção do prédio em pedra e cal. O frontispício da igreja que chegou aos nossos dias tinha o esquema jesuítico tradicional: três janelas no pavimento superior (coro da igreja) com portada no centro e óculo no frontão triangular; esquema que fez escola e que deriva de São Roque de Lisboa, passando, em especial, pelas Igrejas dos Colégios de Olinda e do Rio.

De acordo com Germain Bazin, este esquema em que as janelas e a porta central fazem um triângulo isósceles invertido, no contexto de um frontispício retangular coroado por um frontão triangular deriva da arquitetura clássica. Tem a sua origem remota na fachada da Cúria Romana no Fórum e teria sido reatualizada por inúmeras variantes do Renascimento italiano.

AS CONSTRUÇÕES JESUÍTICAS NA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO: RESIDÊNCIAS; REDUÇÕES; FAZENDAS E ERMIDAS.

Enquanto o Colégio, situado na cabeça da Capitania, recebia um tratamento arquitetônico particular, às vezes mesmo com a participação da direção de um profissional com formação acadêmica, como é o caso do irmão Francisco Dias que comprovadamente participou da elaboração dos colégios de Olinda e Rio de Janeiro, as construções periféricas ficavam invariavelmente sob a égide da construção vernácula, feita com material local e mão de obra não profissional, com a participação direta da população portuguesa e da população indígena.

Os Jesuítas estabeleciam uma rede no território e essa rede tinha o seu ponto nodal na cabeça da Capitania, a partir do Colégio, os Jesuítas se estendiam para regiões que ficavam sob a jurisdição deste colégio, estabelecendo reduções, fazendas e aldeias de visitação no interior e no litoral da Capitania.

As reduções eram espécies de cabeça de algumas aldeias indígenas, e onde construía-se o conjunto arquitetônico composto de Igreja e Residência em forma de quadra. Nas aldeias próximas propriamente, chamadas de aldeia de visitação, a construção era mais simples, em geral uma ermida para pouso do missionário (DUARTE et alii. 2020).

Nas fazendas, também as construções podiam alcançar dimensões mais grandiosas. A Fazenda de Araçatiba por exemplo, tinha Igreja que chegou aos nossos dias e Residência de grandes dimensões, hoje em ruínas. Essa foi uma das maiores fazendas dos jesuítas em toda a América



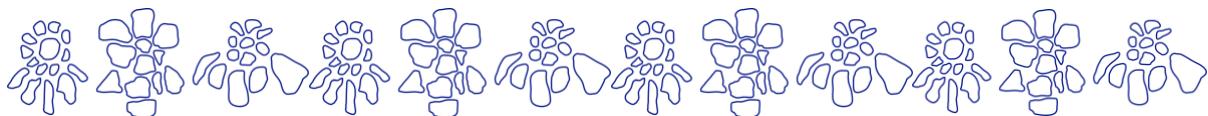
portuguesa. No auto do Inventário que foi feito pela Coroa quando da expulsão dos padres, esta Fazenda possuía “852 escravos pretos, pardos e cabras, alguns com ofícios e artes (...); 208 cabeças de gado vacum e 31 cavalar” (DAEMON. 2010. p.240) e grandes extensões de terra onde plantava-se cana.

Fazenda jesuítica de Araçatiba, Vianna. Sec. XVII



Figura 3: Fazenda de Araçatiba. Fonte: Coleção particular (s/d).

Uma peculiar construção jesuítica da Capitania, para fins deste nosso artigo, foi a Redução de Reis Magos (atualmente Serra – ES) que mescla de forma surpreendente aspectos eruditos com vernáculos. A construção que nos chegou até os dias atuais – e que não é a primitiva pois documentos revelam que só foi iniciada em 1580 - é de excelente fatura, um conjunto de pedra e cal onde o frontispício da igreja revela proporção e equilíbrio na composição da porta central de entrada, com as três janelas superiores do coro e, arrematadas por um óculo polilobado. Coroando a composição da fachada da igreja, uma portada esculpida em pedra lioz de uma sofisticada singeleza que sugere ser obra trazida do reino, e que pode, sem excesso algum, ser alcunhada como a única obra de caráter renascentista existente em solo capixaba (RIBEIRO. 2024). Desconhece-se o autor do risco, pela erudição do traço do frontispício da igreja pressupõe-se que não fosse leigo. Também Lucio Costa considera “o bem composto conjunto de Reis



Magos". O acabamento dos cunhais do frontispício é marcado em massa assim como os quadros dos vãos superiores – a pedra lioz só vai aparecer de novo na pia batismal e nas de água benta, no interior da igreja - e a cobertura da torre é “*feita com tijolo (...) que ficava sempre à mostra, pelo lado de fora, o acabamento natural do extra-dorso caiado, em forma de ‘meia-laranja’, indicando-se assim, sem rebuços, a boa influência da técnica moçárabe*” (COSTA. 1941).

O restante da edificação, as alas da residência e o pátio central, revelam uma fatura de características vernáculas que eram usuais em construções jesuíticas periféricas, mas, que não comprometem em nada a apreciação estética do conjunto.



Reis Magos. Serra – ES 1580-1615.

Figura 4: Residência de Reis Magos. Fonte: Costa (1937).

Enquanto Araçatiba e Reis Magos compartilham com Vitória o mesmo esquema de fachada da Igreja: uma porta central encimada por três janelas no coro e frontão triangular com óculo, a de Reritiba destoa completamente do conjunto, em especial após a restauração executada pelo IPHAN em 1998 onde descobriu-se que no restauro de c. de 1937, provavelmente sob a diretriz de Lúcio Costa, este fechou vãos e abriu outros (ABREU. 1998) procurando inserir esta igrejinha na tradição das igrejas clássicas que mencionamos atrás e que em Portugal está expressa com



toda a sua singeleza e erudição na composição do frontispício da Capela da Conceição de Tomar: ou seja, um típico caso de tentativa de transformar uma igreja vernácula em erudita.



Figura 5: Reritiba no levantamento de Lucio Costa e depois do restauro de 1998. Fonte: Costa e Wikipedia commons.

Esta Redução de Reritiba (atual Anchieta, no sul do Espírito Santo) compartilha com a de São Pedro da Aldeia (no norte do Rio de Janeiro), características vernáculas de similitude pois teriam sido construídas pelo mesmo grupo de indígenas como revelam as afinidades em planta e composição do frontispício: ambas igrejas de três naves e ambas igrejas com torres do lado oposto ao da ala da residência; exceções, que segundo alguns autores, confirmariam a filiação. São igrejas onde o rudimentar da fábrica e dos ornatos, a solução da estrutura do telhado armado em esteios, o peso dos volumes – em especial das torres – indicam ausência dos conhecimentos eruditos ao mesmo tempo em que se sente uma vontade de imitar as obras mais admiradas da Ordem.



CONCLUSÃO

Enfim, o propósito do presente estudo é o de demonstrar como a presença da ordem e da proporção se faz também em arquiteturas de fatura vernácula e como em capitarias periféricas, onde os arquitetos da coroa não estiveram presentes, predominou ao longo do período em que floresceu o jesuítico, a prática vernácula como dominante.

As fontes principais do nosso trabalho são fundamentalmente os resquícios sobreviventes das construções da Companhia, que na região do Espírito Santo sobrevivem com bastante integridade compondo um conjunto notável de Colégio, Reduções e Fazendas que só pode ser entendido na sua totalidade, enquanto uma rede articulada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carol de (org.) Anchieta a Restauração de um Santuário. Rio de Janeiro : MEC : IPHAN, 1998.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte Italiana** (v.3). Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro : Record, 1983.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. “Ordenamentos urbanos nas Missões Jesuíticas dos Guarani – parte 2”. **Arquitextos**. Ano 17. fevereiro de 2017.

COSTA, Lúcio. “A arquitetura dos jesuítas no Brasil”. **Revista do IPHAN**, nº 5, 1941.

DAEMON, Basílio Carvalho. **Província do Espírito Santo**: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

DUARTE, Claudia C. G; OLIVEIRA, Carla A. G; MARTINS, Renata de A; RIBEIRO, Nelson P. A rede dos assentamentos jesuítas no Brasil dos séculos XVI-XVIII. O caso da Aldeia dos Reis Magos na capitania do Espírito Santo. In: [MIGLIACCIO, L; MARTINS, Renata de A]. **No embalo da rede...** São Paulo : FAU-USP, 2020. pp. [107-132].

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

RIBEIRO, Nelson Pôrto. Os jesuítas e suas construções na América portuguesa. In: [Afonso, Claudia]. **Ação Formativa Patrimonial**: Igreja dos Reis Magos: Santuário Nacional de São José de Anchieta. Vitória, ES : Museu Vale, 2024.



SANTOS, Paulo F. **Contribuição ao estudo da arquitetura da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil**. Coimbra, 1966.

